



Ministério da Educação  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
Nº. 02 – Ano I – 10/2012  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **As novas estruturas das comunidades e a importância das tecnologias da informação e comunicação (TIC) frente ao mundo globalizado**

Edilene Maria de Oliveira

Mestranda do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local em dimensão de territorialidade, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Professora de Administração e Coordenadora de Educação a Distância do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS). Campo Grande MS - Brasil

E-mail: [edilene.oliveira@ifms.edu.br](mailto:edilene.oliveira@ifms.edu.br) / [edilene.mari@hotmail.com.br](mailto:edilene.mari@hotmail.com.br)

Prof. Dr. Heitor Romero Marques

Professor do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local em dimensão de territorialidade, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

E-mail: [heiroma@ucdb.br](mailto:heiroma@ucdb.br)

**Resumo:** As comunidades são organizações temporais, apresentam-se de forma coesa e com interesses individuais que giram em torno de um tema comum, essas peculiaridades não são percebidas somente nas comunidades que se apresentam fisicamente, mas também são características que fazem parte das comunidades virtuais que se relacionam no *ciberespaço*. Igualmente se pretende trazer fatos para um repensar sobre o que ocorre hoje em nossas comunidades frente a tantas transformações que passa a humanidade. Apresentam-se as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como válvulas propulsoras de uma nova comunidade, ou seja, uma comunidade global. As comunidades não desaparecerão, somente sofrerão mudanças, reflexos de um mundo em mutação e globalizado.

**Palavras-chave:** Comunidade. Tecnologia. Transformações.

## **INTRODUÇÃO**

O mundo encontra-se em profundas mudanças, se transforma em uma velocidade quase que impossível de acompanhar, com as exigências de uma sociedade complexa, marcada, principalmente, pela quantidade de informações disponíveis, exemplificado pelos meios de comunicação de massa e mais ainda pelo computador com os seus recursos.

As novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) contribuem para que o conhecimento e as informações se proliferem cada vez mais rápido e com maior dinamismo, como também, possibilitam que se criem teias de relações virtuais, constituindo aglomerados de pessoas que se relacionam virtualmente e estabelecem espaços de construção de conhecimentos e laços de afetividade. As tecnologias da informação e comunicação passam a ser ferramentas importantíssimas na construção de um novo perfil de comunidades que perpassam os limites físicos adentrando num mundo virtual, porém, com um contexto real, são relações construídas e vivenciadas num espaço até pouco tempo inimaginável.

### **AS NOVAS ESTRUTURAS DAS COMUNIDADES FRENTE ÀS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)**

O ser humano não consegue viver sozinho, desde os primórdios percebeu que viver em grupo é ponto fundamental para a sobrevivência, deixou de ser andarilho para formar grupos sociais e percebeu que o convívio com os demais lhe proporcionava maior segurança em relação aos perigos existentes como também observou vantagens no que concerne a seu sustento.

O homem deixa de ser andarilho, nômade, cujas atividades eram a caça, a pesca e a extração de alimentos da natureza, como frutos, raízes, sementes, para formar pequenos aglomerados sociais que permitiam desenvolver a agricultura e outras formas de sobrevivência por meio do manuseio e da domesticação de animais, tanto para o auxílio das atividades diárias, como para a produção de alimentos (BARDUCHI, 2009, p. 32).

O ser humano entendeu que ao viver em aglomerados sociais se transforma e transforma o meio em que vive; somente por meio da ação da coletividade é que conseguiria evoluir e sobreviver.

Aranha e Martins (1993) afirmam que o homem por ser um ser que fala, trabalha e transformar a natureza e a si mesmo, consegue essas realizações somente em função da ação coletiva, sem a coletividade, ou seja, sem a comunidade o homem não evoluiria.

Alguns conceitos de comunidade são debatidos por estudiosos, e Bartle (2008, p.01) nos apresenta que “comunidade é uma construção mental, um modelo. Não podemos observar uma comunidade inteira, não a podemos tocar, e não podemos experimentá-la diretamente”. Para o autor não existe mais de uma comunidade igual, cada uma tem sua peculiaridade, tamanhos diferentes, formas, localizações diversas e distintas.

Outro aspecto que o autor acima citado destaca é que uma comunidade não se refere às pessoas que habitam determinados locais, pois as comunidades podem existir a mais tempo que seus habitantes atuais e é praticamente certo que esta comunidade continuará a existir mesmo quando esses habitantes atuais não mais estiverem presentes nessa comunidade, ou mesmo, uma comunidade pode ter pessoas que se afastam temporariamente, vivendo em outras comunidades e posteriormente retornando ou não.

Para Bartle (2008, p.2), também existem comunidades dentro de outras comunidades maiores “[...] distritos, regiões, grupos étnicos, nações e outras fronteiras. [...] nas áreas urbanas uma comunidade pode ser um pequeno grupo de propriedade pertencente a pessoas com uma origem comum”.

Podemos afirmar que uma comunidade se forma por interesses comuns, nem todos com os mesmos interesses, mas em meio à tamanha heterogeneidade verificam-se grupos com interesses homogêneos que permitem entender a existência de comunidades dentro de outras comunidades. O autor também reforça que quanto maior for a abrangência das fronteiras existentes nas comunidades, maior será a heterogeneidade observada, no que se referem ao idioma, religiões, valores, culturas e peculiaridades definidoras dessa comunidade.

Para ele, as comunidades também podem ser analisadas levando em consideração outros aspectos como, por exemplo: ecológico, sociológico, econômico

etc. Conforme o Dicionário Aurélio, podemos dizer que comunidade “é um agrupamento social que se caracteriza pela forte coesão fundamentada no consenso espontâneo dos indivíduos”.

Gusfield (1975) assegura que existem duas formas de entender a comunidade, uma seria por meio da noção de território geográfico: entende-se a comunidade como uma cidade, uma região, bairro, país, até mesmo a vizinhança, envolve o sentimento de pertença de uma determinada localidade, ou de uma estrutura social e a outra forma seria por meio do caráter relacional: refere-se à rede social e à qualidade das relações humanas dentro da comunidade em que vive.

Podemos perceber que uma comunidade é algo intangível, trata-se de relacionamentos entre pessoas, temos ciência de que existem e de onde estão e que são formadas por aglomerados de pessoas com objetivos comuns, mas, não há a possibilidade de determinar sua dimensão, uma vez que sabemos que estão em determinados locais, mais não conseguimos visualizá-las em toda sua dimensão.

Para Batler (2008), uma comunidade, não necessariamente, possui um lugar físico, ela pode existir somente devido a afinidades entre pessoas. Nessa perspectiva verificamos Lévy (1999) que defende o ciberespaço.

Segundo Lévy (1998), a palavra *Ciberespaço* é de origem americana e foi utilizada pela primeira vez por em 1984 por Willian Gilbson, autor de ficção científica. Willian designava o *Ciberespaço* como sendo o universo das redes digitais, ali era onde ocorriam os encontros e as aventuras.

Lévy destaca que atualmente existem inúmeras correntes literárias, políticas, musicais, artísticas que se utilizam do termo *Ciberespaço* para muitas coisas “[...] menos os novos suportes de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação sociais por ele propiciados” (LÉVY, 1998, p. 104).

Ainda o autor nos afirma que o ciberespaço é um campo amplo, aberto e que não deve ser reduzido a um só componente. “[...] Ele tem vocação para interconectar-se e combinar-se com todos os dispositivos de criação, gravação, comunicação e simulação” (LÉVY, 1998 p. 104).

Com o advento das tecnologias digitais e a ampla disponibilidade das redes interativas a humanidade se encontra num caminho sem retorno, nada mais é ou será como antes. A interconexão mundial das redes de computadores propiciou a

humanidade uma nova forma de comunicação por meio do *ciberespaço*. Em decorrência destas mudanças o ser humano se transforma, muda seus valores e adquire novas formas de pensar e de agir.

O autor nos apresenta as comunidades virtuais, pois entende que se há uma reunião de interesses entre pessoas, independe de estar fisicamente presente ou virtualmente relacionadas a outros grupos de interesses comuns, afirma que a comunidade seria essa junção de pessoas por afinidades. Hoje, a tecnologia nos proporciona novas formas de interação, e o ciberespaço pode ser visto como um local virtual que realiza trocas de informações e conhecimentos entre pessoas com objetivos comuns. A construção dos relacionamentos passam a ter configurações diferentes frente as novas tecnologias. A comunicação utiliza-se do mundo virtual, ou seja, do *ciberespaço* mencionado por Lévy.

Observamos neste contexto, que é no *ciberespaço* que as pessoas se encontram e constroem comunidades virtuais.

O *ciberespaço* atua como uma espécie de veículo informativo, onde cada indivíduo, durante os atos de acesso e emissão de informações, esboça incondicionalmente sua cultura, a qual, dadas as proporções, se faz presente em várias partes do globo terrestre. Na perspectiva do *ciberespaço*, a totalidade se torna inviável porque o fluxo de novas informações é constante. Assim, o *ciberespaço* não gera uma cultura universal porque, de fato, está em toda a parte, e sim porque sua forma ou sua idéia implicam de direito o conjunto dos seres humanos (LÉVY, 1999, p. 119).

As comunidades virtuais são formadas por aglomerados de pessoas. Essas pessoas participam de redes de conexão, as quais se relacionam por objetivos comuns.

Para Rheingold (1996), um dos primeiros autores a fazer uso do termo comunidade virtual, afirma que as comunidades virtuais são compostas por grupos humanos que se relacionam por meio do *ciberespaço*.

Essa combinação realizada no *ciberespaço* constrói relações sociais e culturais diferenciadas, de acordo com o interesse de cada grupo.

Na realidade as “comunidades virtuais são os agregados sociais surgidas na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço” (RHEINGOLD, 1996 p. 18).

As comunidades são organizações temporais, apresentam-se de forma coesa e com interesses individuais que giram em torno de um tema comum, essas peculiaridades não são percebidas somente nas comunidades que se apresentam fisicamente, mas também são características que fazem parte das comunidades virtuais que se relacionam no *ciberespaço*.

Quer sejam comunidades fisicamente constituídas ou virtualmente, em ambos os casos há necessidade de considerar que comunidades são entidades que possuem determinadas características, levando sempre em conta o tema em que une esses indivíduos. Seus valores são essencialmente simbólicos e estabelecem intencionalmente limites e se constituem a partir da vivência de cada um de seus participantes.

Peter Drucker (2001, p.13), afirma que em decorrência do que ocorre nos dias de hoje, das inúmeras mudanças que a humanidade passou, passa e ainda passará será prioridade para todos os países um olhar diferente acerca das comunidades. “[...] Civilizar as cidades se tornará cada vez mais a principal prioridade de todos os países [...], menciona também que [...] A selva caótica que cada grande cidade do planeta se tornou precisa, acima de tudo, de novas comunidades”.

Para Malidoma *apud* WHEATLEY E ROGERS (2001), acredita que os seres humanos precisam uns dos outros. Os autores mencionam Some, professor e escritor da África do Sul, o qual verifica que o ser humano tem “um instinto de comunidade”. Porém, os autores mencionam que esse instinto de agregar passa por transformações no final do século XX, ocorrendo fragmentações e que o ser humano passou a buscar o isolamento.

Vivenciamos terríveis guerras étnicas, formação de milícias, clubes de interesses sociais e ‘*salas de bate-papo*’ pela internet. Estamos utilizando o instinto de comunidade para nos isolar e proteger uns dos outros, em vez de criarmos uma cultura global de comunidades diversas e entrelaçadas. Procuramos as pessoas que mais se parecem conosco de modo a nos proteger do resto da sociedade (WHEATLEY E ROGERS, 2001, p.21).

Para os autores, diferentemente de Lévy, estamos caminhando em uma trajetória isolacionista, menciona que caso a humanidade continue seguindo esse percurso não conseguiremos chegar dignamente a um futuro melhor. Reforçam a

importância de um repensar sobre o que vem a ser a comunidade, para que “[...] possamos nos afastar do protecionismo fechado das formas atuais para a abertura e o envolvimento da comunidade planetária” (WHEATLEY E ROGERS, 2001, p.21).

Corroborando com os autores, verificamos que Lewanika (2001) acredita que na contemporaneidade há pouco espaço para comunidades, no que se refere aos sentimentos de pertença, camaradagem ou mesmo sentimentos de fraternidade. “A industrialização e os mais recentes avanços tecnológicos parecem ser incompatíveis com a comunidade, com pessoas vivendo e progredindo em conjunto e em harmonia” (LEWANIKA, 2001 p. 246). Para a autora a tecnologia vem se apresentando como sendo dona da raça humana, quando deveria estar como subserviente dos seres humanos, ela também questiona se realmente seria possível penetrar a tecnologia de nossos tempos com atributos pertencentes à humanidade como a bondade, que para ela é inerente de uma comunidade.

Já Morin (2009, p. 83), afirma que “[...] De mãos dadas com a ideologia do progresso, com o impulso e aceleração que produz infra-estrutura das Tecnologias de Informação e Comunicação a economia se mundializa até se transformar num todo independente”. Também acredita que apesar de muitas frustrações e erros que a humanidade passou e passa na busca de seu aprimoramento, “[...] o planeta já conta com a infra-estrutura necessária à criação de uma sociedade planetária, graças ao vertiginoso desenvolvimento das tecnologias da comunicação”. Aponta que as tecnologias são condições necessárias para uma possível sociedade planetária, mas também reconhece que somente as tecnologias não são suficientes. Reafirma a importância das redes de comunicação a serviço do que chama de quadrimotor da primeira mundialização<sup>1</sup>: ciência, técnica, indústria e lucro.

[...] também servem de suporte para a internacionalização dos movimentos sociais que a hélice da segunda mundialização<sup>2</sup> impulsiona, dedicados a protestar e criticar as práticas

---

<sup>1</sup> Primeira mundialização: Ocidentalização do mundo. Expansão da mundialização do humanismo. Mundialização dos direitos do homem, da liberdade, da igualdade, da fraternidade, da equidade e do valor universal da democracia, favorecendo do desenvolvimento de uma consciência que considera a diversidade cultural não como opostora à unidade humanista mas sim fonte de riqueza e sustentabilidade (MORIN, 2009).

<sup>2</sup> Segunda mundialização: A política do homem ou a antropolítica. Reunião e organização de movimentos cidadãos, verificando culturas diferentes e compartilhamento das vivências comuns do planeta [...] entendida como casa de todos. Conservando as conquistas da civilização técnica reagem contra os efeitos de uma civilização reduzida ao quantitativo, ao dinheiro, ao prosaico e ao agressivo (MORIN, 2009 p.88).

anticológicas dos grupos transnacionais, as políticas dos governos e sociedades que ferem os direitos humanos, o crescimento exponencial da fome, o desaparecimento de culturas pré-modernas e não ocidentais, a situação dos afetados pelo Vírus de Imodeficiência Humana - HIV (MORIN, 2009, p.83).

Percebemos que Morin (2009) acredita que as tecnologias vêm para somar e são de grande valia no que diz respeito à construção de uma comunidade planetária, para ele o processo de planetarização é irreversível.

Lévy (1998) constata que o mundo virtual trás muitas possibilidades, salienta que assim como no mundo físico o virtual possibilita transformações e descobertas para o ser humano.

[...] pode ser igualmente portador de cultura, de beleza de espírito e de saber como um templo grego, uma catedral gótica, um palácio florentino, a *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert ou a constituição dos Estados Unidos. Pode desvendar inéditas galáxias de linguagem, fazer vir à tona temporalidades sociais desconhecidas, reinventar o laço social, aperfeiçoar a democracia, abrir entre os homens trilhas de saber desconhecidas. Mas, para isso seria preciso que investíssemos nesse canteiro, que ele fosse designado e reconhecido como terreno de beleza, de pensamento e lugar de invenção de novas regulações sociais [...] (LÉVY, 1998, p.103-4).

Entendemos que o que falta ainda é um olhar diferente sobre as possibilidades virtuais, é necessário um maior entendimento acerca das TIC, pois estão presentes em nosso dia a dia, não deve ser percebida como ferramentas contrárias à evolução das comunidades, mas, como ferramentas que sendo devidamente utilizadas são capazes de colaborar com o ser humano na construção de uma nova sociedade.

Goldsmith (2001, p.107) verifica que as "[...] novas tecnologias, novas formas organizacionais e o surgimento da aldeia global terão um profundo efeito em nosso senso de comunidade nos próximos anos". Menciona duas fortes tendências de mundo, uma se refere à explosão do potencial de comunicação instantânea e de massa e ligado a isso está à capacidade de criação de comunidades por escolha. O autor aponta que a comunidade por escolha pode ser encontrada nas comunidades geográficas, comunidades religiosas, comunidades culturais, comunidades organizacionais, comunidades de serviços voluntários, comunidades por interesse. [...] "Quase todas as comunidades significativas do futuro estarão em intensa

competição por seus membros”, sendo comunidades por escolha. Essas tendências, para o autor, trarão ameaças e oportunidades.

Três características comuns de comunidades do passado foram que membros seus podiam se comunicar entre si, negociar entre si e compartilhar uma cultura comum. No futuro, a comunicação, o comércio e a cultura quase certamente se tornarão mais globais. O surgimento da comunidade global trás oportunidades e desafios sem paralelos que tem importantes implicações para o futuro da humanidade (GOLDSMITH, 2001, p.108).

Com a comunicação global as oportunidades para a aprendizagem será cada vez maior, o autor faz menção a pequenas cidades na Índia em que as crianças poderão ter acesso à educação por meio da educação à distância, um médico pode utilizar-se do vídeo para realizar cirurgias, como também o acesso a todas as informações registradas na rede sobre a bioengenharia ajudará muito ao pesquisador. “O potencial para a ‘conectividade global’ significa que teremos a oportunidade de interagir de uma forma que leve a uma evolução rápida e positiva de nossa espécie” (GOLDSMITH, 2001, p.108).

Em relação ao comércio global ele afirma que as vantagens já são de conhecimento de todos. “A maior concorrência global leva a produtos e serviços de maior qualidade e menor preço” Consumidores passam a ter acesso a diversidades cada vez maiores de bem de consumo. Em relação aos países mais pobres, estes por terem mão de obra mais barata “[...] recebem a oportunidade de se igualar aos mais desenvolvidos ao receberem trabalhos que dependem de muita mão de obra que custariam muito mais em países ricos” (GOLDSMITH, 2001, p.109).

Em relação às barreiras comerciais, o autor assevera que a remoção das barreiras leva a eficiência de mercados. Embora aparentemente o comércio global leve a diversidade de produtos, na realidade, acabam por criar homogeneidade, uma vez que ao estarmos em qualquer cidade do mundo as ruas começarão a ficar semelhantes, disponibilizando serviços e produtos praticamente iguais, a tendência será o oferecimento das mesmas roupas e comidas, sendo variedades de diversos lugares do mundo em qualquer local do mundo.

Outra tendência apresentada por ele, ao se referir ao comércio global, é que haverá baixa fidelidade dos consumidores, como também eles se identificarão com produtos e serviços do restante do mundo. “Essa atitude pode beneficiar indivíduos

bem-sucedidos, embora com um custo para a sociedade como um todo” (GOLDSMITH, 2001, p.110).

Em relação à cultura global, afirma que “O maior acesso à informação significa que mais e mais oportunidades culturais estarão disponíveis às ‘massas’ da humanidade” (GOLDSMITH, 2001, p.110). No que se refere a acesso a cultura, teremos algo muito além do que ter acesso e compreender a arte e a música, na realidade, teremos uma maior capacidade de entendimento e compreensão das pessoas. A cultura global se apresenta com grandes benefícios, mas também apresenta grandes custos.

Outro aspecto abordado é que não haverá como interromper fluxos de comunicação, do comércio e da cultura. Por mais que legisladores de alguns países tentem restringir fluxos de informação, isso somente funciona em curto prazo, em longo prazo a censura não se sustenta por dois motivos:

- 1 - A Internet é global. A informação que for censurada em um país será rapidamente e facilmente duplicada por outro.
- 2 - Quase todas as pessoas brilhantes (e geralmente jovens) que estão desenvolvendo novas tecnologias acreditam no livre fluxo de informações, não gostam de censura e não se intimidam com normas governamentais (GOLDSMITH, 2001, p.111).

Para o autor foi um grande fracasso as mais recentes tentativas de interrupção destes fluxos por alguns países. Para ele existem três desafios importantes para se criar uma comunidade global positiva. A comunidade global terá uma forte tendência ao isolamento, mas terá facilidade em atitudes humanitárias. “Os resistentes da comunidade global precisarão ser inspirados e educados no valor da tentativa de beneficiar o mundo, não apenas a si próprio (GOLDSMITH, 2001, p.112).

A comunidade global evitará o conformismo e comemorará a diversidade.

A capacidade da comunidade global de se adaptar a situações será em grande parte uma função de nossa diversidade. Os lingüistas acreditam que a estrutura da língua leva as pessoas que falam diferentes idiomas a ver o mundo de diferentes maneiras e de ter diferentes abordagens no tocante à tomada de decisões e a resoluções de problemas (GOLDSMITH, 2001, p.112).

O autor ainda reforça que será necessário a comunidade global incentivar a diversidade quanto à língua, o estilo de vida do povo e sua cultura para que permita sua sobrevivência.

O ultimo desafio abordado é em relação à criação de valores de longo prazo, evitando o curto prazo. . “Um grande desafio será inspirar e educar os cidadãos a respeito do valor de se ‘investir’ no futuro” (GOLDSMITH, 2001, p.113).

Para o autor será ilimitado o acesso a fontes de estímulo prazerosas de curto prazo, tais como jogos interativos, televisão, experiências com realidades virtuais, salas de bate-papo, cinema, tudo disponível a baixo custo e larga escala, porém, poucas dessas atividades conseguirão produzir valores de longo prazo para a comunidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos observar que muitas mudanças tendem a ocorrer no que se refere às comunidades num futuro muito próximo, onde as TICs passarão cada vez mais a fazer parte do cotidiano das pessoas e das comunidades. As comunidades não desaparecerão, somente sofrerão mudanças, reflexos de um mundo em mutação e globalizado, os laços sociais, continuarão a delinear a sociedade, as afinidades, culturas, valores continuarão a construir comunidades mesmo que, em determinados momentos, sejam de forma não física.

A humanidade sai de uma comunhão com lugar, que era restrito a uma determinada localidade e passa a ter uma comunhão global. O homem deixa de ser um cidadão de uma localidade e passa a ser cidadão do mundo. Essas alterações, no que se referem às comunidades, são próprias de um mundo cada vez mais globalizado e conectado.

**Abstract:** The community are temporal organizations, are presented in a cohesive and individual interests that revolve around a common theme, these peculiarities are not perceived only in communities that are physically present, but are also features that are part of virtual communities that relate in cyberspace. Another aim is to bring facts to a rethinking of what happens today in our communities with the many changes the humanity is going through. The Information and Communication Technologies (ICTs) are presented such as propellant valves to a new community in other words, a global community. The communities will not disappear, will only change, reflections of a changing and globalized world.

**Key-words:** Community. Technology. Transformations.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando.** Introdução a Filosofia. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1993

BARDUCHI, Ana Lúcia Jankovic (org). **Desenvolvimento pessoal e profissional.** 3ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2009

BARTLE, Phil. **O que é comunidade?** Uma perspectiva sociológica. Disponível no site: <http://www.scn.org/mpfc/whatcomp.htm>. Acesso em 20.07.2011.

DICIONÁRIO Aurélio on-line. Disponível no site: <HTTP://www.mundodastribos.com/dicionario-aurelio-on-line.html>. Acesso em 15.07.2011.

DRUCKER, P.F. A Transformação Global. In: HESSELBEIN, Frances, GOLDSMITH, Marschall, BECKHARD, Richard; SCHUBERT, Richard F., F.S. [et al.]. **A comunidade do futuro.** Tradução Bazán Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura, 2001, p.13-18. Título original: The community of the future.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI:** o dicionário da Língua Portuguesa. Versão digital. Disponível no site: <http://www.mundodastribos.com/dicionario-aurelio-on-line.html>. Acesso em 15.07.2011.

GOLDSMITH, M. Comunicações Globais e Comunidades por escolha. In: HESSELBEIN, Frances, GOLDSMITH, Marschall, BECKHARD, Richard; SCHUBERT, Richard F., F.S. [et al.]. **A comunidade do futuro.** Tradução Bazán Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura, 2001, pp.107-119. Título original: The community of the future.

GUSFIELD, J. R (1975). **Community: a critical response.** New York: Harper & Row Publications.

LEWANIKA, I.M. A Comunidade no Terceiro e Quarto Mundos. In: HESSELBEIN, Frances, GOLDSMITH, Marschall, BECKHARD, Richard; SCHUBERT, Richard F., F.S. [et al.]. **A comunidade do futuro**. Tradução Bazán Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura, 2001, p. 245-253. Título original: The community of the future.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 2. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999. Título original: L'intelligence collective. Pour une anthropologie Du cyberspece.

\_\_\_\_\_. **A ideografia dinâmica**: rumo a uma imaginação artificial?. Tradução de Marcos Marcionilo e Saulo Krieger. São Paulo: Loyola, 1998. Título original: L'idéographie Dynamique: Vers une imagination artificielle?

MORIN, Edgar, CIURANA, Emilio Rogers; MOTTA, Raúl Domingues **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana/ elaborado para a UNESCO; Tradução Sandra Trabucco Valenzuela: revisão técnica da tradução Edgard de Assis Carvalho. – 3 ed. – São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2009

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Tradução de Helder Aranha. Lisboa: Gradiva: 1996. Introd. e cap. 1. Título original: The Virtual Community.

RODRÍGUEZ ILLERA, José L. Conferência: como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n. 3, mai / ago 07, p. 117-124. Disponível em <http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/sisifo03PTConf.pdf> . Acesso em 2.05.2011

WHEATLEY, J e ROGERS, M.K. – O Paradoxo e a Promessa de Comunidade. In: HESSELBEIN, Frances, GOLDSMITH, Marschall, BECKHARD, Richard; SCHUBERT, Richard F., F.S. [et al.]. **A comunidade do futuro**. Tradução Bazán Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura, 2001, p. 21-30. Título original: The community of the future.